

DO LIXO À RESISTÊNCIA: MAPEAMENTOS METAFÓRICOS DA FOME E DA SOBREVIVÊNCIA EM QUARTO DE DESPEJO

FROM WASTE TO RESISTANCE: METAPHORICAL
MAPPINGS OF HUNGER AND SURVIVAL IN QUARTO DE
DESPEJO

João Flávio Furtado Cruz

Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

OCIRD: 0000-0002-7316-1513.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5367870269334539>

E-mail: jfff6613@gmail.com

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva

Doutorando em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0073-5632>.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4465546141368889>.

E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo analisa a conceptualização da metáfora da FOME na obra *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Fundamentando-se na Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e na Semântica Cognitiva (IBARRETXE-ANTUÑANO; FELTES), o estudo descreve como a experiência sensorial da fome aciona frames como LUTA, FAVELA, VIOLÊNCIA e EXPLORAÇÃO. Através da técnica de saturação teórica, categorizamos as expressões metafóricas que evidenciam a “fome amarela” como um mecanismo de cognição e denúncia da realidade socio-histórica da favela do Canindé na década de 1950. Os resultados demonstram que as metáforas na narrativa de Carolina não são meros ornamentos linguísticos, mas processos cognitivos e culturais que estruturam a resistência e a identidade social da autora diante da marginalização estatal.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva. Metáforas da fome. Conceptualização. Quarto de despejo. Carolina Maria de Jesus.

Abstract: This article analyzes the conceptualization of the HUNGER metaphor in the work *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, by Carolina Maria de Jesus. Based on Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 1980) and Cognitive Semantics (IBARRETXE-ANTUÑANO; FELTES), the study describes how the sensory experience of hunger triggers frames such as FIGHT, FAVELA, VIOLENCE, and EXPLORATION. Through the theoretical saturation technique, we categorize metaphorical expressions that highlight “yellow hunger” as a mechanism of cognition and denunciation of the socio-historical reality of the Canindé slum in the 1950s. The results demonstrate that metaphors in Carolina’s narrative are not merely linguistic ornaments, but cognitive and cultural processes that structure resistance and social identity in the face of state marginalization.

Keywords: Cognitive Semantics. Metaphors of hunger. Conceptualization. Quarto de despejo. Carolina Maria de Jesus.

Introdução

A metáfora se apresenta como um mecanismo que permite a conceituação e reconceituação do mundo, a organização e a articulação das concepções dele, ou seja, a metáfora não é apenas um problema linguístico, uma vez que não é apenas um questão do uso da linguagem, mas sim uma forma de manifestar a concepção de mundo, é um dos recursos que o locutor utiliza para fazer referência a ele e às relações que se estabelecem entre as diferentes realidades que o compõem (Fajardo Uribe, 2006).

Ao longo dos últimos quarenta anos, os estudos linguísticos cognitivos que se ancoram na abordagem conceptual da metáfora (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]), vêm ganhando espaço no cerne dos estudos que buscam descrever e analisar construções metafóricas e metonímicas no uso da linguagem em diversas práticas socioculturais. Dienstbach (2021) enfatiza que existe um ponto de interseção entre metáforas e outras materialidades discursivas, gêneros, por exemplo.

Além disso, vários são os estudos baseados na abordagem conceptual metafórica e metonímica que ajudam a comprovar hoje a importância desses processos cognitivos, históricos, culturais na geração de significados (Almeida; Santana, 2019) em uma multiplicidade de tipos de discurso e textos da atualidade. Contudo, com a virada cognitiva-discursiva na área dos estudos da metáfora em outras perspectivas, sobretudo semântico cognitiva e sociocultural, a partir do final de 1990 e início de 2000 (Vereza, 2010), os processos metafóricos se instanciam na linguagem em uso, pois surgiu outros interesses em analisar o funcionamento das metáforas no discurso além do que mapear cognitivamente as ocorrências da linguagem, passou-se a investigar as relações internas da forma, função e propósitos da caracterização dos gêneros do discurso.

Nesse sentido, salientamos a necessidade em estudar a metaforicidade na narrativa social de uma obra literária: *Quarto de despejo - diário de uma favelada*, da escritora negra Carolina de Jesus. Esta obra é considerada nos estudos literários contemporâneos, estudos culturais e sociais, tanto no Brasil como no exterior um importante testemunho histórico, fazendo-se tão relevante aos estudos da metáfora posto que “nossos corpos incorporam significados e memórias culturais” (Feltes, 2020, p. 387), sendo constituídos culturalmente, de forma que várias experiências corporificadas são enraizadas em contextos socioculturais.

Nas palavras seminais de Lakoff e Johnson (2002, p. 5), podemos compreender inicialmente que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, ou seja, essencialmente, a *Teoria da Metáfora Conceptual* assegura que o sistema conceptual humano está metaforicamente estruturado, vai despontar que os processos do pensamento estão em grande parte definitivos metaforicamente.

Em outras palavras, sabemos que a abordagem analítica criada por Lakoff e Johnson (1980) admitiu uma observação cognitiva das metáforas por meio de seu trato linguístico, indicando uma conceituação conectada intensamente aos elementos da linguagem verbal. Dessa forma, não podemos reduzir a perspectiva teórica dos referidos autores à compreensão da linguagem verbal, todavia a conjectura dos autores, que continua em obras posteriores, de observação da linguagem verbal produz um foco de análise específica a essa modalidade de uso linguístico (Santos, 2020).

Recentemente, na perspectiva da Linguística-Semântica Cognitiva, Ibarretxe-Antuñano (2018) acentua que,

[...] Apesar de o fator cultura está intimamente ligado ao fator corporificação, desde os primeiros estudos em linguística cognitiva, durante a primeira década dos anos 2000, alguns autores deste modelo teórico se centraram mais nos aspectos físicos e sensório-motores da motivação do significado, deixando assim de lado o papel da cultura [...]. (Ibarretxe-Antuñano, 2018, p. 40, *tradução nossa*)¹.

¹ “A pesar de que el factor de la cultura está íntimamente ligado al de corporización desde los primeros estudios en lingüística cognitiva, durante la primera década del 2000, algunos autores dentro de este modelo teórico se

Em suma, a autora explica que as conceituações são reveladas na/pela linguagem, pois se alimentam na experiência corporal e cultural do ser humano e são estruturados, sistematicamente, por meio de mecanismos cognitivos.

Neste artigo, ao analisar alguns excertos de *Quarto de despejo* e a constituição identitária social da personagem Carolina, buscamos categorizar as expressões metafóricas acerca da fome nas narrativas trágicas do cotidiano da favela sob a luta pela sobrevivência e o olhar crítico-social de uma catadora de papel que vivencia a realidade cruel dos favelados na década de 1950, bem como os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades para conseguir se alimentar diariamente.

Linguística-semântica cognitiva: alguns fundamentos teóricos

Pesquisadores que atuam no campo da Linguística Cognitiva (doravante LC) se pautam no desafio de modelar a estrutura conceitual humana em termos de estruturas de conhecimento relativamente estáveis, designados domínios conceptuais. Entre os domínios conceptuais constitutivos do sistema cognitivo humano, destacam-se o que os linguistas cognitivistas chamam Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), ou esquemas conceptuais (Cavalcante; Gomes Junior, 2021).

Esses MCIs, por sua vez, são definidos como “estruturas conceptuais complexas, de caráter gestáltico, que organizam nosso conhecimento geral do mundo, em domínios físicos e abstratos, tal como o experienciamos biosocioculturalmente” (Feltes, 1992, p. 54). Para Ibarretxe-Antuñano (2020),

[...] a linguística cognitiva, [...] ‘é um modelo linguístico que parte da ideia de que a linguagem é um fenômeno bi-cultural, ou seja, que existe uma parte que é inata, com o qual você nasceu, mas que não pode ser desenvolvido sem levar em conta tanto o contexto social e cultural de seus falantes’.
(Ibarretxe-Antuñano, 2020, p. 6, tradução nossa).²

Então, o estudo do significado da linguagem se pauta na LC e suas vertentes, dentre essas, a Semântica Cognitiva entende que a cognição como situada, sendo compreendida como “um pacote particular de inferências específicas para uma situação” (Feltes, 2020, p. 384), porque não se pode separar as dimensões da linguagem das demais esferas da vida e da experiência humanas. Antes mesmo desta visão anterior, Valenzuela, Ibarretxe-Antuñano e Hilferty (2012), já defendiam que

[a] Semântica Cognitiva surgiu em meados dos anos 80, como uma reação ao modelo semântico alternativo que havia existido até então, que era de natureza marcadamente formalista. Até então, a semântica tinha sido considerada como um nível autônomo, separado do estudo do processamento linguístico; modelos como o generativismo chomskyano estabeleceram uma separação muito clara entre os diferentes tipos de informação. Assim, a linguística tinha que estudar questões como a sintaxe ou morfologia das línguas, já que, segundo essas teorias, esse tipo de informação morfossintática era o que os falantes realmente precisavam para poder realizar a análise gramatical das frases que ouviam. (Valenzuela; Ibarretxe-Antuñano; Hilferty, 2012, p. 41, tradução nossa)³.

centraron más en los aspectos físicos y sensorio-motores de la motivación del significado, dejando así de lado el rol de la cultura.” (Ibarretxe-Antuñano, 2018, p. 40).

2 “[...] la lingüística cognitiva, que “es un modelo lingüístico que parte de la idea de que el lenguaje es un fenómeno bi-cultural, es decir, que hay una parte que es innata, con la que se nace, pero que no se puede desarrollar sin tener en cuenta el contexto tanto social como cultural de sus hablantes.” (Ibarretxe-Antuñano, 2020, p. 6).

3 “La Semántica Cognitiva surgió a mediados de la década de los ochenta, como reacción al modelo semántico alternativo existente hasta la fecha, de corte marcadamente formalista. Hasta ese momento, la semántica se

Ou seja, a visão da linguística cognitiva de que a interação com o mundo é intercedida por estruturas informativas da mente faz com que esse paradigma científico admita um caráter interdisciplinar e se aproxime de outras ciências que estão enredadas com os elementos da cognição, como a psicologia, a neurociência e a biologia, e se aparte das teorias que abordam a linguagem apenas como constructo mental, como é o caso da linguística gerativa. (Abreu, 2015).

Dessa forma, Lakoff (1990) argumenta que:

Não é meramente o caso que a linguística cognitiva cobre mais fenômenos do que a linguística gerativa. Ela faz isso, mas cobre esses fenômenos de uma forma muito diferente. Tome, por exemplo, a natureza da representação semântica, os compromissos com a generalização e a cognição levaram a linguística cognitiva a lançar hipóteses sobre noções como esquemas de imagem, mapeamentos metafóricos e metonímicos, espaços mentais, categorias radiais, para caracterizar generalizações semânticas. Os fenômenos que levaram a tais conclusões não são geralmente discutidos pelos linguistas gerativos, primeiramente, eu acho, porque o aparato descritivo disponível para linguistas gerativos não é capaz de postular princípios gerais que governam tais fenômenos. Isso, é claro, não é visto como algo 35 problemático para os linguistas gerativos, porque a sua disciplina é definida de uma forma restrita, excluindo esses fenômenos (Lakoff, 1990, p. 44).

Vale destacar que a LC, de tal modo como se apoiam as teorias linguísticas formalistas, também estuda as construções formais da linguagem, contudo a partir da sua perspectiva conceptual (Abreu, 2015). Esta ciência de estudo da linguagem em uso busca elucidar a estrutura gramatical em termos das funções que essa oferece na representação da estrutura conceptual (Talmy, 2000), o que comprova outro princípio da linguística cognitiva: a prioridade da semântica na análise linguística, a relação inerente entre significado e gramática.

Por fim, a *Linguística-Semântica Cognitiva* busca subjugar a secção, para apreender como a linguagem e o significado surgem dessas relações feitas nos marcados atos comunicativos dos quais nos comunicamos, na qualidade de “seres individuais-sociais, no devir da formação histórica das nossas variadas sociedades-culturas” (Almeida; Santana, 2019, p. 117).

Metodologia

O objeto de investigação se pauta nas conceptualizações da FOME no acionamento de *frames*⁴ LUTA, FAVELA, EXPLORAÇÃO, VIOLÊNCIA, SUJEIRA, ANALFABETISMO etc., na construção da narrativa social em *Quarto de despejo - diário de uma favelada*, da escritora negra Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960. A partir da *Técnica de Saturação Teórica* (Glaser; Strauss, 2006 [1967]) de amostragem como procedimento metodológico de geração de dados, ou seja,

[...] por meio dessa técnica constata-se o momento em que se deve interromper a captação de informações pertinentes à discussão de uma determinada categoria de análise no contexto de uma investigação qualitativa. Trata-se, assim, de

había considerado como un nivel autónomo, separado del estudio del procesamiento lingüístico; modelos como el generativismo chomskiano establecían una separación muy nítida entre distintos tipos de información. Así, la lingüística debía estudiar asuntos como la sintaxis o la morfología de las lenguas, ya que, según estas teorías, este tipo de información morfosintáctica era lo que realmente necesitaban los hablantes para poder realizar el análisis gramatical de las oraciones que escuchaban.” (Valenzuela; Ibarretxe-Antuñano; Hilferty, 2012, p. 41).

4 Para Fillmore (1982, p. 111), um frame é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal maneira que, para compreender qualquer um desses conceitos, você precisa compreender a estrutura inteira em que tal conceito se encaixa; quando uma das coisas de tal estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversação, todas as outras automaticamente se tornam disponíveis.”

uma confiança empírica de que a categoria está saturada, levando-se em consideração uma combinação dos seguintes critérios: os limites empíricos dos dados, a integração de tais dados com a teoria (que, por sua vez, tem uma determinada densidade e está diretamente ligada ao referencial teórico) e a sensibilidade teórica de quem analisa os dados. (Falqueto; Hoffmann; Farias, 2018, p. 41).

Assim, por meio da saturação teórica, o pesquisador atua de forma a indicar o momento em que o aditamento de dados não altera a apreensão do fenômeno. Quer dizer, representa um critério que admite estabelecer a validade de um conjunto de observações em estudos de cunho qualitativo (Glaser; Strauss, 2006).

Atrelado metodologicamente a isso, Almeida (2020), baseado na *Teoria dos Fractais*, diz-nos ser possível constituir um *corpus* a partir dos significados construídos de forma pretérita nos vários domínios sociais. Ao pensar em fractais, arrazoamos em operações recursivas como as que achamos no sistema de linguagem. Ademais, “[a] língua se organiza em escalas, dos fonemas às palavras, das palavras às orações, das orações às unidades enunciativas, das unidades enunciativas ao discurso que se desdobra em outros discursos em um fluxo infinito. (Paiva, 2011, p. 4).

Capra (1996) explica que o primeiro aspecto mais evidente da forma dos fractais é a autossimilaridade indicando que cada parte em escala menor é igual ou semelhante à parte inicial, isto é, cada parte ampliada da imagem será igual à inicial. Já a segunda, relaciona-se à existência de um processo recursivo, o que significa que uma determinada operação repete-se infinitamente. conforme essa propriedade, cada fractal, em sua constituição, possui um número infinito de procedimentos, resultando em uma estrutura complexa, sendo que “[a] técnica principal para se construir um fractal é a iteração - isto é, a repetição incessante de certa operação geométrica.” (Capra, 1996, p. 119).

Ou seja, Almeida (no prelo), citado por Almeida e Santana (2019), propõe metodologicamente que

[...] pesquisadores, variadas vezes, compõem seu *corpus* privilegiando a quantificação, ‘desconsiderando que padrões de organização próprios do fenômeno, objeto de estudo, exatamente, por serem padrões de organização, ocorrerão em qualquer ‘pedaço de corpus’, isto se considerarmos o princípio ‘holográfico’ da complexidade’ (Almeida, no prelo), tanto para compreendermos a linguagem, quanto para entendermos o que é um *corpus* e/ou os *corpora*. (Almeida, no prelo, p. 124 *apud* Almeida; Santana, 2019, p.124).

Além do mais, a abordagem da metáfora na dinâmica dialógica do discurso está conectada à *Teoria dos Sistemas Complexos*⁵ e não é considerada uma instanciação feita de cima para baixo, isto é, do pensamento para linguagem (Kövecses, 2004; Lakoff e Johnson, 1980), é, principalmente, uma das interações entre linguagem e o pensamento (Marques, 2014).

Ademais, com base na constituição do *corpus* e da linguagem como fractal, recolheu-se os excertos [operações recursivas/expressões textuais/linguísticas] da obra de Carolina, utilizando a Técnica de Saturação, que é um instrumento conceitual abalizado em pesquisas qualitativas, ajudando a delimitar e a definir a amostragem a ser investigada.

Neste artigo, finalmente, buscou-se descrever e analisar as *conceptualizações da fome* em um livro resultado das narrativas de Carolina na favela de canindé/SP, em 1950, onde não apenas ela e os filhos são desprovidos de seus direitos básicos de sobrevivência, execrados a viver em guetos sem infraestrutura, frequentemente associado à violência, vícios, fome, sujeira, mas que, por outro lado, desponta consciência política resultado por um discurso de re(e)xistência a assumir essa identidade social.

5 A Teoria da Complexidade, também chamada Teoria dos Sistemas Complexos, segundo Valença (2011, p.77), tem como primeira premissa a essência do pensamento sistêmico, a totalidade, ou seja, “a realidade de que qualquer parte é sempre, de forma sucessiva, uma parte de outro todo, já em si mesmo parte de um novo todo, sem uma parte inicial e sem um todo final”.

Análise de metáforas da fome em *Quarto de Despejo*

“Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.”⁶ (grifos nossos).

Almeida e Santana (2019) explicam que a interface entre cognição-cultura-linguagem no fenômeno de análise da metáfora acarreta compreender que, quando significados de uma cultura se despontam por meio de uma metáfora, sua repetição trabalha como ressonância cognitiva e os efeitos dessa ressonância, por outro lado, atuam como fatores que colaboram para sedimentação de ideologias sobre a realidade (Pérez, 2018).

Diagrama da Rede Semântico-Cognitiva-Cultural: Quarto de Despejo

O diagrama abaixo organiza a hierarquia de significados que você estabeleceu, partindo da experiência corporificada até a crítica social:

Estrutura do Mapeamento:

1. Núcleo (Domínio-Alvo): FOME
 - *Conceptualização Primária*: “A Fome é Amarela” (Sinestesia e Corporificação).
 - *Status*: Mecanismo de cognição e percepção da realidade.
2. Eixo de Resistência (FOME é LUTA):
 - **Frame Luta**: A busca diária no lixo, a venda de papel, o esforço físico para manter os filhos.
 - **Frame Transgressão**: A leitura e a escrita como ferramentas de “guerra” contra o silenciamento.
3. Eixo de Espacialidade (FAVELA é QUARTO DE DESPEJO):
 - **Frame Sujeira**: A falta de sabão, o nojo, a margem da cidade de alvenaria.
 - **Frame Exclusão**: Os “trastes velhos” (objetos descartados) metaforizando os sujeitos marginalizados.
4. Eixo Socio-Político (FOME é EXPLORAÇÃO/VIOLÊNCIA):
 - **Frame Exploração**: O “braço desnutrido” do pobre versus os “políticos açambarcadores”.
 - **Frame Violência**: O álcool, as brigas de vizinhos e a negligência do Estado.

A obra literária *Quarto de Despejo (Diário de uma favelada)* nos apresentou sua autora e protagonista Carolina Maria de Jesus, mulher negra, mãe solteira e moradora da favela do Canindé, que, por volta dos anos de 1960, percebeu a realidade de sua vida mudar, ao deixar de viver na favela, que era o seu maior sonho. Carolina narra sua história de vida em cadernos achados no lixo, e tal realidade propiciou que seus relatos chegassem a público ao se tornarem uma obra notada internacionalmente.

Sabendo que Carolina e os filhos foram inseridos em um contexto social de um grupo marginalizado pela ausência do poder estatal, fica evidente em uma leitura crítico-social que, de fato, as metáforas da FOME aqui apontadas acionam frames de LUTA e RESISTÊNCIA FÍSICA, evidenciando que

[...] em sua rotineira busca da **sobrevivência no lixo da cidade**, ela descobriu que as coisas todas do mundo — o céu, as árvores, as pessoas, os bichos — ficavam **amarelas** quando a **fome** atingia o **limite do suportável**. (Jesus, 2014, p.4-5, grifos nossos).

⁶ Ver: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/brasil-lembra-centenario-de-escritora-que-definiu-favela-como-quarto-de>. Acesso em: 10/11/2021.

A metaforização da fome no excerto acima, demonstra que a variação cultural acontece dentro da cultura e transculturalmente, acidentando os modelos culturais prototípicos, Kövecses (2004, p. 181) reforça que “[...] dado um contexto cultural e sua influência na conceptualização, pode-se ver por que as mudanças acontecem nos modelos culturais e nas metáforas conceituais”.

Isso caracteriza as metáforas da fome em Carolina, que em analogia a Feltes (2020) ressalta que metáforas fazem parte de um modelo cultural, como o caso do modelo cultural de RAIVA, que é um *cluster* (i.e., não é monolítico) de várias metáforas, o que difere de antropólogos cognitivos que afixam que a metáfora conjectura modelos culturais pré-existentes.

Em suma, Kövecses (2004) colocou a relação entre categorias linguísticas e modelos culturais assegurando que, conforme os estudos em Linguística Cognitiva, “[...] as categorias são, por natureza, polissêmicas, sendo que alguns membros de uma categoria são mais representativos, centrais ou prototípicos do que outros, não prototípicos” (Feltes, 2020, p. 392).

Conceptualizando a FOME no acionamento dos frames LUTA, FAVELA, EXPLORAÇÃO, VIOLÊNCIA, SUJEIRA, ANALFABETISMO

Ao fazer uso da metáfora de “se viver em um quarto de despejo”, muitas vezes citada por Carolina nos fragmentos do seu diário, esse desabafo contribuiu para que as anotações de sofrimento, angústia, miséria se articulassem com uma palavra-chave: **fome**. “**A fome é amarela**” (Jesus, 2014, p. 5). Diante disso, afinou-se que metáforas baseadas na experiência física mais geral são prováveis de serem achadas em diferentes línguas e culturas (Lakoff, 1993). Em virtude disso, outros mapeamentos fundamentados em domínios experienciais mais particulares são mais dependentes culturalmente.

Para Lakoff e Johnson (1999), é no nível de submapeamentos, que são mais específicos, que muito da variação cultural em metáforas pode ser entendida. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) analisam que:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. **Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana.** Se estivermos certos, ao sugerir que esse **sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.** (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 3, *grifos nossos*).

Em relação à constituição da metaforicidade em nosso cotidiano, quanto à linguagem, Vereza (2020) explica que a fonte de evidências (expressões linguísticas metafóricas) assinala ou instancia metáforas conceptuais subjacentes. Ou seja, essa relação da metáfora

[...] seria estabelecida, cognitivamente, entre dois domínios: o domínio-fonte e o domínio-alvo (Lakoff, 1993), caracterizando uma *projeção* da fonte para o alvo; daí o “transporte”, e não uma relação qualquer. A projeção não é estabelecida, no entanto, entre os domínios como um todo, mas apenas entre elementos específicos do domínio A (fonte) e elementos relacionáveis (ou relacionados pela própria projeção) do domínio B (alvo). Ou seja, no caso da metáfora, haveria um mapeamento interdomínio, em que elementos de um domínio são *mapeados* sobre elementos do domínio-alvo. (Vereza, 2020, p. 58).

Ainda em analogia à perspectiva de Vereza (2020, p. 60), verificou-se que a LUTA contra a FOME se tornou GUERRA, um *frame* que, enquanto domínio-fonte para vários domínios-alvo, como DISCUSSÃO (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]), SUCESSO (Bronzato, 2012), POLÍTICA (Filipczuk, 2016) e ANTAGONISMO VERBAL (Vereza, 2020), entre outros, é muito produtivo e compreensiva em diversas línguas e culturas. Nesse ínterim, o acionamento do domínio-fonte FOME para compreensão do *Quarto de despejo* (sobrevivência na favela) implica *frames*, como LUTA, FAVELA, EXPLORAÇÃO, VIOLÊNCIA, SUJEIRA, ANALFABETISMO etc., que delimitaram os papéis semântico-cognitivos na caracterização da narrativa social vivenciadas pelas personagens do livro.

Descrição dos Mapeamentos e Integração Conceptual

A rede semântica de *Quarto de Despejo* opera por meio de mapeamentos ontológicos e epistêmicos, onde as propriedades do **Domínio-Fonte (Concreto/Físico)** são projetadas sobre o **Domínio-Alvo (Abstrato/Social)**. Conforme a análise semântico-cognitiva-cultural, destacam-se três eixos principais:

1. Mapeamento Ontológico: FOME é uma ENTIDADE FÍSICA/COR (Sinestesia)

Neste mapeamento, a fome deixa de ser uma sensação interna para se tornar um objeto externo perceptível.

- **Domínio-Fonte:** A cor amarela (associada à doença, luz turva, desbotamento).
- **Domínio-Alvo:** A privação nutricional extrema.
- **Inferência:** Ao afirmar que “a fome é amarela”, Carolina Maria de Jesus projeta a tontura e a alteração visual (biológica) na paisagem (cultural). A realidade é filtrada pela lente da carência, transformando o mundo em um cenário doentio.

2. Mapeamento Estrutural: FAVELA é o QUARTO DE DESPEJO

Este é o mapeamento mestre da obra, que organiza o *frame* da exclusão social.

- **Domínio-Fonte (Espaço Doméstico):** O quarto onde se guardam objetos inúteis, quebrados e sem lugar na casa principal (trastes).
- **Domínio-Alvo (Espaço Urbano):** A favela do Canindé e seus habitantes.
- **Inferência:** A projeção implica que, assim como os objetos no quarto de despejo são invisíveis para as visitas na sala, a favela é o local de silenciamento dos sujeitos que a cidade de “alvenaria” prefere não ver. O “traste velho” é a metáfora da desumanização do corpo negro e pobre.

3. Mapeamento de Eventos: SOBREVIVÊNCIA é LUTA/GUERRA

Aqui, as expressões metafóricas acionam um cenário de conflito ativo.

- **Domínio-Fonte:** O combate físico, o boxe, a resistência armada.
- **Domínio-Alvo:** O cotidiano de buscar comida e criar os filhos na miséria.
- **Inferência:** A fome não é um estado passivo, mas um “inimigo” a ser combatido. O ato de catar papel é ressignificado como uma manobra tática de sobrevivência. Quando Carolina usa a escrita como transgressão, ela opera uma **Prática Transformada**, onde a caneta se torna o instrumento de contra-ataque ao sistema de exploração.

Como se observa no mapeamento descrito, a metaforicidade em Carolina Maria de Jesus não é meramente ornamental. Ela decorre de uma **cognição corporificada** (*embodiment*), onde o sofrimento do corpo faminto estrutura a compreensão do corpo político. A rede semântica revela que o ‘amarelo da fome’ é a cor que tinge a relação da autora com o Estado, transformando o diário em um dispositivo de reexistência.

O quadro 1, a seguir, apresenta expressões metafóricas implicadas do acionamento do *frame* FOME é LUTA na favela do Canindé na década de 50, com base na conceptualização das narrativas trágicas trazidas pela personagem Carolina sobre sua vida como catadora de papel, favelada, negra e mãe:

Quadro 1. *Frame FOME é LUTA e expressões metafóricas*⁷

FRAME: FOME é LUTA	
(1) “ A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender.” (Jesus, 2014, p. 12)	(3) As vezes eu ligo o radio e danço com as crianças , simulamos uma luta de boxe . Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno ”. (Jesus, 2014, p. 20)
(2) “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome! ” (Jesus, 2014, p. 27)	(4) “... Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver . Mas quem manifesta o que sofre é só eu . E faço isto em prol dos outros. Muitos catam sapatos no lixo para calçar.” (Jesus, 2014, p. 30)

Fonte: elaborado pelos autores.

Apreendeu-se que os excertos apontados (1) e (2) trazem da narrativa à conceptualização da FOME enquanto LUTA social por melhores condições de vida, mesmo que por força da atividade como catadora de papel, Carolina buscava vencer a “indisposição” cotidiana e no lixo catava o que encontrava para vender e oferecer depois algo para os filhos comerem e sapatos usados para calçar, veja os excertos (3) e (4). Logo, este livro é bem mais que um registro autobiográfico, versa no depoimento porta-voz de um vultoso estrato social transgeracional da população brasileira. (Moreira, 2012).

A seguir, vejamos no quadro 2, os *frames* acionados pela exploração do trabalho de Carolina como catadora.

Quadro 2. *Frame FOME é EXPLORAÇÃO e expressões metafóricas*

FRAME: FOME é EXPLORAÇÃO	
(5) “Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne . E vou sair para catar papel ”. (Jesus, 2014, p. 12)	(7) “Saí indisposta , com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanço ”. (Jesus, 2014, p. 12)
(6) “...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro , quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre . Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre , que é o braço. Braço desnutrido . Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores .” (Jesus, 2014, p. 33-34)	(8) “... De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome , que tem a sua matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operários .” “...Quando eu fui buscar agua vi uma infeliz caida perto da torneira porque ontem dormiu sem jantar. É que ela está desnutrida . Os médicos que nós temos na política sabem disto.” (Jesus, 2014, p. 34)

Fonte: elaborado pelos autores.

Os excertos (5) e (7) visibilizam como as atividades diárias de Carolina eram cansativas e evidenciam sua condição social de favelada o que serve para conceptualizar metaforicamente a *favela* como um *quarto de despejo*, visando construir uma representação da favela e daqueles que nela vivem, e, ao mesmo tempo, fazer com que seu discurso fosse acolhido em um campo em que as vozes negras de uma catadora de papel são silenciadas e invisibilizadas como ocorrem no cânone literário há muitas décadas.

⁷ Os grifos são nossos para destacar expressões metafóricas no corpus de excertos saturados metodologicamente a partir da leitura crítica da obra de Carolina.

Agora, no quadro 3, verifica-se os *frames* acionados pelo contexto da violência na favela.

Quadro 3. *Frame* FOME é VIOLÊNCIA e expressões metafóricas

<i>FRAME:</i> FOME é VIOLÊNCIA	
(9) “Ela as vezes joga agua nos meus filhos . Ela alude que eu não expanco os meus filhos . Não sou dada a violência ”. (Jesus, 2014, p. 17)	(11) “ Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. Quando retornei vi varias pessoas as margens do rio. É que lá estava um senhor inconciente pelo alcool e os homens indolentes da favela lhe vasculhavam os bolsos .” (Jesus, 2014, p. 17)
(10) “... Ha dias que não vinha policia aqui na favela, e hoje veio, porque o Julião deu no pai . Deu-lhe uma cacetada com tanta violência , que o velho chorou e foi chamar a policia .” (Jesus, 2014, p. 37)	(12) “ Eu fui ver a briga . Agrediram a mulher que estava com o Alcino. Quatro mulheres e um menino avançaram na mulher com tanta violência e lhe jogaram no solo . A Marli saiu. Disse que ia buscar uma pedra para jogar na cabeça da mulher .” (Jesus, 2014, p. 43)

Fonte: elaborado pelos autores.

Os excertos (9) e (11) evidenciam que a condição social de Carolina como neta escravizada, pobre e semianalfabeta faz parte de uma população que há tempos tenta se inserir na sociedade, contudo não consegue por ser mulher e negra e por sobreviver em condições indignas com seus filhos em uma favela brasileira. Por isso, o espaço é considerado como lugar de delito infantil, como se verifica em (10) e (12), “**O João** perdeu **os 11 cruzeiros** que eu dei-lhe para ir no Rialto. Ele levava o dinheiro na carteira e foi com os meninos da favela. **E alguns deles já sabem bater carteira**” (Jesus, 2014, p. 90), como espaço de contrastes de uma mesma realidade suburbana “**Os vizinhos ricos** de alvenaria dizem que nós **somos protegidos pelos políticos**” (Jesus, 2014, p. 47).

Com relação ao quadro 4, observa-se os *frames* acionados pelo fato de a favela ser caracterizada como um lugar sujo habitado por sujeitos entregues à própria sorte.

Quadro 4. *Frame* FAVELA é SUJEIRA e expressões metafóricas

<i>FRAME:</i> FAVELA é SUJEIRA	
(13) “ O meu sonho era andar bem limpinha , usar roupas de alto preço, residir numa casa confortavel , mas não é possível. [...] (Jesus, 2014, p. 22)	(15) Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja . Já faz oito anos que cato papel . O desgosto que tenho é residir em favela . (Jesus, 2014, p. 22)
(14) “Saí pensando na minha vida infausta. Já faz duas semanas que eu não lavo roupa por falta de sabão . As camas estão sujas que até dá nojo Não fiquei revoltada com a observação do homem desconhecido referindo-se a minha sujeira . Creio que devo andar com um cartas nas costas: Se estou suja é porque não tenho sabão .” (Jesus, 2014, p. 83)	(16) “Quando eu fui catar papel encontrei um preto . Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis . O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo . Indigno para um ser humano.” (Jesus, 2014, p. 46-47)

Fonte: elaborado pelos autores.

Assim, como aduz os excertos (13) e (14), a favela é caracterizada como um lugar sujo e por ser moradia dos que se encontram em desvantagem social, conforme excertos (15) e (16), porque os pobres em *Quarto de despejo* são representados, segundo Moreira (2012, p. 17) como alguém

que se encontram em um lugar descrito pela sujeira “O meu sonho era andar bem limpinha, [...] Já me habituei a andar suja” (Jesus, 2014, p. 18), pela falta de infraestrutura e como sinônimo de doença social, porque

Quando eu vou na **cidade** tenho a impressão que estou no **paraíso**. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. **Tão diferentes da favela**. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. **Com as suas úlceras. As favelas**. (Jesus, 2014, p. 92, *grifos nossos*).

Em síntese, Moreira (2012) explica que a favela é concebida como lugar destinado a subempregados, indivíduos excluídos do contexto de trabalho por não possuírem escolaridade e conduta formal que corresponda as condições determinadas pela sociedade, como, por exemplo, um nível de letramento formal quando ao código linguístico padrão, como se percebe nos excertos (6) e (8), o descaso político social é gritante e desumano.

Quadro 5. Frame FAVELA é LEITURA como transgressão social e expressões metafóricas

<i>FRAME: FAVELA é LEITURA como transgressão social</i>	
(17) “ O nervoso interior que eu sentia ausentou-se . Aproveitei a minha calma interior para eu ler. [...] Li um conto . Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão . [...] Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão , dois melhores e o resto pão .” (Jesus, 2014, p. 12)	(19) “...Hoje eu não lavo as roupas porque não tenho dinheiro para comprar sabão. Vou ler e escrever . (Jesus, 2014, p. 80)
(18) “Tenho apenas dois anos de grupo escolar , mas procurei formar o meu caráter .” (Jesus, 2014, p. 16)	(20) “... Eu fui na banca e comprei uma revista . Mostrei para o farmacêutico. Eu comprei outra revista e fui levar para o José do Bar dos Esportes. Ele comprou a revista, Eu passei na banca e comprei outra. Mostrei para o sapateiro . Ele sorriu . (...) Passei no empório do José Martins e falei se ele queria ler a revista .” (Jesus, 2014, p. 149)

Fonte: elaborado pelos autores.

No que se refere aos excertos (17) e (18) são muitas as Carolinas na favela que estão desempregadas, são pobres e semianalfabetas, porque neste espaço a realidade destes sujeitos se estruturam em posições distintas e coexistentes por relações de proximidade nesta comunidade carente. Ou seja, baseado na vida de Carolina Maria de Jesus e sua obra *Quarto de Despejo (Diário de uma favelada)*, observa-se que a autora, excertos (19) e (20), por meio dos escritos em “seus diários”, revela não apenas o próprio cotidiano de sofrimento real, mas também o dos moradores que sobrevivem em um espaço desumano, marginalizado, em uma situação de miséria e desamparo.

Isso se evidencia, portanto, nas palavras de Carolina pelo fato de a favela ser considerado um espaço desprezado que só é procurado para se despejar lixo “[...] Eu classifico São Paulo assim: **O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos**.” (Jesus, 2014, p. 27). Nesse sentido, Bourdieu (1996) explica que nessas posições os indivíduos ou grupos ocupam no espaço social são difundidas conforme dois princípios de diferenciação: o capital econômico e capital cultural.

Isso significa que mesmo diante de uma condição desprestigiada, o que ocorre com Carolina é uma forma de transgressão social para alcançar o espaço literário, porque a partir de cadernos achados no lixo, Carolina, ao registrar o dia a dia putrefato da favela do Canindé, em São Paulo, produziu uma das mais relevantes obras da literatura brasileira: “Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada”.

Em suma, à luz dos postulados teóricos da linguística cognitiva (semântica cognitiva) que

orientaram este estudo, de forma a apresentar uma interpretação do processo de conceptualização metafórica estruturados nos excertos da obra que constituem o *corpus*, constatou-se que esses veicularam metáforas que evocam domínios conceptuais como a FOME no acionamento dos *frames* LUTA, FAVELA, EXPLORAÇÃO, VIOLÊNCIA, SUJEIRA, ANALFABETISMO, ao longo da narrativa relatada diariamente por Carolina.

Considerações finais

Verificou-se que a ativação de quadros como LUTA, EXPLORAÇÃO e SUJEIRA possibilita que Carolina elabore uma crítica incisiva à configuração social brasileira da década de 1950. Ao representar a FAVELA como um QUARTO DE DESPEJO, a autora concretiza o processo de invisibilização e descarte humano fomentado pelo Estado, transformando uma vivência sensorial e pessoal em um posicionamento político coletivo. A “fome amarela”, analisada neste contexto como uma metáfora sinestésica e corporificada, evidencia que o corpo que sofre é também o corpo que interpreta e denuncia a realidade.

Nesse contexto, a metaforicidade em Carolina Maria de Jesus não deve ser interpretada como uma limitação de letramento formal, e sim como uma técnica cognitiva de transgressão. Ao empregar a escrita para re-conceptualizar sua identidade — passando de “traste velho” a escritora e porta-voz dos miseráveis — Carolina exerce o que a Linguística Cognitiva caracteriza como uma agência situada e culturalmente impulsionada.

Em resumo, este estudo destaca a relevância de abordagens semântico-culturais ao analisar a literatura de autoria negra e periférica. As metáforas do cotidiano de Carolina Maria de Jesus funcionam como instrumentos de reexistência, proporcionando até hoje ferramentas teóricas fundamentais para entender as tensões entre linguagem, poder e sobrevivência nas periferias da sociedade.

Referências

- ABREU, Débora Taís Batista. **Metáfora e emoção**: sobre a conceptualização na língua portuguesa. 2015. 217f. Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2015.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estamos sempre em guerra? Estudo cognitivo sócio-histórico de uma metáfora da gripe espanhola e da covid-19. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**, v. 69, p. 366-395, 2020.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTANA, Neila Maria Oliveira. A semântica cognitiva sócio-histórico-cultural: questões epistemológicas. In: LOPES, Norma; SANTOS, Elisângela; CARVALHO, Cristina. **Língua e sociedade**: diferentes perspectivas, fim comum. São Paulo: Blucher, 2019, p. 113-132.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa - Campinas, SP : Papyrus, 1996.
- BRONZATO, Lucilene. O segredo do sucesso que a gramática e a metáfora não escondem. In: VEREZA, S. **Sob a ótica da metáfora**. Niterói: EDUFF, 2012. p.193-211.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CAVALCANTE, Sandra; & GOMES JUNIOR, Ronaldo Corrêa. Metáforas visuais e multimodais na conceptualização da COVID-19. **Calidoscópio**, 19(1): 104-119. <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.08>

DIENSTBACH, Dalby. Saturação metafórica: um ponto de interseção entre as metáforas e os gêneros. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021016, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8659123.

FALQUETO, Junia Maria Zandona de.; HOFFMANN, Valmir Emil.; FARIAS, Josivania Silva. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: relato de uma experiência de aplicação em estudo na área de administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 52, p. 40-53, dezembro. 2018.

FAJARDO URIBE, Luz Amparo. La metáfora como proceso cognitivo. **Forma y Función**, [S. l.], n. 19, p. 47-56, 2006. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/formayfuncion/article/view/18115>. Acesso em: 16 nov. 2021.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Da categorização a modelos culturais: o giro social (cultural) em linguística cognitiva. **Linguagem em (Dis)curso** [online]. 2020, v. 20, n. 02, pp. 381-400.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff. **Letras de Hoje**, 27(3):49-71, 1992.

FILIPCZUK, Sylwia. Analysing Metaphorical Political Discourse in the L2 Academic Classroom. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 228, n. 2, p.329-334, 2016.

FILLMORE, Charles. J. *Frame semantics*. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Eds.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982, p.111-37.

GLASER B. Barney. G.; STRAUSS, Anselm. L. **The Discovery of Grounded Theory**: strategies for qualitative research. Reprinted. New York: Aldine de Gruyter, 2006. [1967].

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide.; VALENZUELA, Javier. (Dirs.). **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. 444 p.; 21 cm. (Autores, Textos y Temas. Lingüística ; 8).

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. “Las metáforas bélicas de la covid perjudican la cohesión social”. Entrevista concedida a María Pilar Perla Mateo. **Heraldo**, 23/7/2020 a las 02:00.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraid. Significado y motivación: la importancia de la corporeización en la semántica. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues.; SANTOS, Elisângela S. dos (orgs.). **Linguística cognitiva**: redes de conhecimento d’aquém e d’além mar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 37-52.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada / Carolina Maria de Jesus; ilustração Vinicius Rossignol Felipe. – 10. ed. – São Paulo: Ática, 2014. ISBN 978-85-08-17127-9

KÖVECSSES, Zóltan. **Metaphor and emotion**: language, culture, and body in human feeling. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 202-251, 1993.

LAKOFF, George. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas? **Cognitive Linguistics**, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990.

MARQUES, Pedro Jorge da Silva. **A metáfora e a metonímia sob a perspectiva dos sistemas dinâmicos complexos e da teoria fractal no processo de conceitualização da violência urbana na cidade de Fortaleza-CE.** 2014. 300f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

MOREIRA, André Luis Gomes. Carolina Maria de Jesus e a representação social de pobre em Quarto de despejo. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 13-21, jul./dez. 2012.

PAIVA, Vera. L. Menezes Oliveira. Linguagem e aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos. In: BURGO, V.H.; FERREIRA, E.F.; STORTO, L.J. **Análise de textos falados e escritos: aplicando teorias.** Curitiba: Editora CRV, p. 71-86. 2011.

PÉREZ, Elena. del C. La función de las metáforas en la construcción identitaria de Argentina. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela. Santana dos (orgs.). **Linguística cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar.** Salvador: EDUFBA, 2018. p. 53-70.

SANTOS, Ricardo Yamashita. Metáforas multimodais: a percepção da pandemia de covid-19 através de charges. **Estudos linguísticos e literários**, Nº 69, NÚM. ESP. 2020, Salvador: pp. 299-317.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics.** Cambridge: The MIT Press, 2000.

VALENÇA, Antonio Carlos (org). **Aprendizagem organizacional: 123 aplicações práticas de arquétipos sistêmicos.** São Paulo: Senac, 2011.

VEREZA, Solange. C. Metáfora Na Linha De Frente: Mapeamentos De Guerra Na Conceptualização Da Pandemia De COVID-19. **Estudos linguísticos e literários**, Nº 69, NÚM. ESP. 2020, Salvador: pp. 52-89.

VEREZA, Solange. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF.** Dossiê: Letras e cognição, n. 41, 2010, pp. 199-212.

Recebido em 28 de novembro de 2021

Aceito em 24 de outubro de 2025